

Conspiração contra a inteligência

JÚLIO TAVARES

Com o título acima, o sr. Gontijo de Carvalho publicou há pouco, prefácio pelo sr. Dario de Almeida Magalhães, um livro sobre David Campista, morto desde 1911 — digo para deixar claro, pois qualquer semelhança do título será uma coincidência extraordinária.

Numas palavras que escreveu, sobre o livro, o advogado Dario de Almeida Magalhães — que sabe muito bem do que fala — salienta que devo lê-lo para ver mais um testamento de “como é velha a vigilância contra a ascensão das competências e dos valores reais ao comando político”. Antônio Gontijo de Carvalho, cujas monografias, esboços históricos e estudos biográficos tanto ilustram as letras, toma desta vez como alvo o animador do “Jardim da Infância”, aquele estranho, fascinante grupo de jovens homens públicos que ocuparam, numa certa altura, logo dispersados e alguns marginalizados, a atenção nacional, nas alturas em que ia melhor a — parece incrível! — saudosa Republica Velha, feitas as contas bem mais moça do que o regime latino-americano surgido do Deus-me-livre para o Deus-nos-acuda.

David Moretzohn Campista fez a carreira, então comum, hoje impossível, do homem publico nacional. A começar da modesta promotoria interiorana em Minas até ministro da Fazenda e — seu mais alto título, confirmado por quantos lhe conhecem os méritos, o de Injustiçado. Teve a graça de morrer cedo. Aos 48 anos já não tinha mais de ofender ninguém com o desafio de seus méritos, o desafio de sua vocação. Trouxe de uns ancestrais alemães judaicos uma vocação também de artista-pintor, que cultivou vagamente, por defasio e — quem sabe — para aliviar tensões. Essa origem judaica rendeu-lhe honrosos ataques, do tempo do anti-semitismo, que pelo jeito renascerá, tanto volta a moda dos irmãos neonazistas. Todo dia a gente ouve, falando por nós, impenitentes desse credo. Mas, quero falar de gente boa,

para ser feliz. Aprendi há pouco com Aristóteles, que disse de Platão haver o filósofo descoberto esta singela verdade: “ser feliz é ser bom”. Não conheço melhor modo de inventar felicidade. Não da bondade bondosa, bonacheirante e relaxada, do bom moço, do bonzão. E sim daquela bondade interior, que não se rala nem conhece inveja e se deslumbra com a dádiva da inteligência alheia, da vitória alheia, das alheias redensões. Por isto mesmo, mergulhei de coração aberto nesse livro de admiração, nesse penegírico sincero que

É mais um grande cargueiro

Da Sucursal do RIO

Chegou ontem ao Rio, transportando 125 mil toneladas de óleo cru para a Petrobrás, o “Docerivar”, um granelheiro de 130 mil toneladas adquirido pela DOCE-NAVE e que seguirá viagem nos próximos dias para o terminal marítimo de Tubarão, no Espírito Santo, de onde levará 130 mil toneladas de minério de ferro para empresas siderúrgicas do Japão.

Aportando no terminal marítimo da Petrobrás, na Guanabara, devido às suas dimensões, é o segundo da série de superpetroleiros do tipo “core-oil”, adquiridos pela DOCE-NAVE junto a estaleiros japoneses. O primeiro, o “Docemar”, já se encontra a caminho do Oriente, levando 100 mil toneladas de minério de ferro.

Além dos 4 navios comprados ao Japão, a DOCE-NAVE adquiriu 5 navios de 20 mil toneladas do grupo Paulo Foz, 3 dos quais estão operando na linha sulamericana de minério de ferro.

Gontijo faz de David Campista, o injustiçado.

Com meticuloso primor ele anota os pormenores-pormenores da infância, dos começos de uma nobre vida. Ninguém mais do que ele conhece estes primórdios, em seus estudos de história política do Brasil que já foi, que não é o que será mas não precisava ser o que não devia. Até — com sua pudica maneira “as relações amorosas do estudante solteiro com uma senhora francesa”, exploradas tão mais tarde, para inutilizar sua candidatura presidencial, estão consignadas. “Republicano radical”, como se intitulava, constituinte mineiro de 91, e assim por diante — até ser barrado. Musico dileitante, aprendeu pintura com Almeida Junior e se parecia, em moco, com Eça de Queiroz, do qual neste momento miro um retrato enorme, vestido de mandarim no seu jardim parisiense, lembrança que me ficou de Jaime Adour da Câmara, queiroziano inveterado.

Este trecho de um seu discurso revela Campista:

“Quantas vezes, na vossa vida de homens e de cidadãos, tereis de sorver o fel das injustiças mais amargas, de emulações perdidamente interesseiras, de provocações cruciantes a que tereis de impor silêncio, que tanto mais sangram quanto menos se revelam. Como homens públicos, o vosso patriotismo mais sincero há de ser visto através dos vossos interesses reais ou supostos: as vossas intenções desfiguradas pela malícia; os vossos atos interpretados desfavoravelmente pela exegese sofística da política subalterna. (...) Se tiverdes méritos e puderdes subir além daquilo a que se chamou a soberania dos inferiores, vereis colear em torno do vosso renome a serpente do despeito a misturar a sua peçonha com o vosso esforço. (...) É o momento de reagirdes, de reconquistardes o império sobre vós mesmos, de opordes ao ceticismo invasor e estéril a fé consoladora, a consciência nítida dos vossos deveres, a solidez inquebrantável das vossas virtudes cívicas. Há de salvar-vos a fé, a fé religiosa, a fé moral profunda, a fé no futuro grandioso desta pátria, na solidariedade hu-

mana para o bem”. No estilo da época, esse discurso na inauguração do monumento a Tiradentes em Ouro Preto é ainda uma lição.

Na Câmara Federal, sua reputação foi resumida por Erico Coelho: “Campista não pode falar por ultimo. Pelo encantamento da palavra e o brilho dos seus paradoxos, consegue facilmente a vitória para a causa que defende”. De Calogeras, que falava de discursos de Campista como peças literárias com precisão técnica e rigidez de ciência, a Agripino Grieco, que diz dos discursos de Campista que falava sobre finanças “como se estivesse executando solos de violino”, popularizou o que então se chamou o “folhetim falado”, falando “sobre os mais variados assuntos”. E Assis Chateaubriand: “Fazia a francesa um folhetim parlamentar, sorrindo, sarjando e demolindo, construindo e reconstruindo”. Julio Mesquita e James Darcy, conta Chateaubriand, “se deixaram seduzir pelo metal britânico do seu verbo e a graça irresistível de ator, que transformava a tribuna numa cena de teatro”.

Na questão do café, de sua valorização pelo Convenio de Taubaté, David Campista tomou a liderança ao defendê-la e Gontijo expõe, com precisão e minúcias, o desenvolvimento do debate.

Ministro da Fazenda, entrevistado por João do Rio sobre o que pretendia fazer logo, disse: “Mandar pintar e forrar aquele gabinete. E’ intolerável. Como está aquilo, com aquelas cores ca-

ritas, é impossível ter lá uma idéia”.

Candidato à presidência, Campista “era impaciente com os prolixos”. “Resuma! Resuma!” — “Não fazia nomeações injustas ou inúteis. Zelava dos dinheiros públicos como um provedor de casa beneficente. Instado para cancelar a dívida do jornal “O Paiz”, respondeu: “Não despenderei um xexén para o exito da minha candidatura”. Os políticos carreiristas não o toleravam. Mas, para que fique claro: até Ruy Barbosa vetou-o: “Apenas moço de talento e de futuro”. Com isto abriu caminho à candidatura do marechal Hermes. Nem Campista nem Ruy...

Afastada a candidatura de David Campista ainda foram tentadas outras com possibilidades de, oficializadas, vingarem. Mas, tardia iniciativa. “O marechal Hermes acabava de renunciar o Ministério da Guerra, em carta inamistosa, escrita, segundo se dizia, pelo senador Antonio Azere. Na vespera, o discurso inflamado do capitão Jorge Pinheiro, em nome da oficialidade, foi o estopim”.

Comenta Gontijo: “Os políticos não quiseram David Campista. Mas acabaram elegendo Hermes da Fonseca. Razão teve Carlos Viana Bandeira, cunhado de Ruy Barbosa, em declarar nas suas memórias: “O fracasso da candidatura David Campista converteu-se em desgraça nacional”. Não por Hermes. Mas, pela consagração do horror à competência e à inteligência, e o gosto da subserviência e da malquerença.

“UMA BANDEIRA PARA CADA SALA DE AULA”

HOMENAGEM A INCONFIDÊNCIA DO BRASIL E A

Bandeiras e Mestros nas memórias às Repartições Públicas, Rotarys, Lions e Cepcionais.